

« Faz de Conta »

14-08-2013

Há muitas maneiras de ver as coisas. A melhor de todas é não ter a certeza de estar a vê-las. Muitas delas não as conhecemos, mas já as adivinhámos à espera de serem cumpridas. Porque, no nosso íntimo, temos plena consciência que vão ser desafiadas e reconstituídas, postas em causa e distorcidas, mal compreendidas e criticadas, ignoradas e esquecidas, excedidas e fantasiadas, condenadas por pôr em perigo o sistema de segurança do Estabelecimento Prisional, com consequências ditas imprevisíveis.

Para subverter a ditadura das horas e da sanidade prisional, é preciso tirar partido do proger do tempo porque a lentidão é insuperável. O que é deprimente quando sabemos o que nos espera no fim de linha.

De regresso à infância, lancei-me com ímpeto no desejo de participar num jogo que, por ser de fácil aplicação e por ser jogado em qualquer lugar, sobretudo com a presença de todos os membros da família, a todos nos impolgava e divertia: chamava-se "Faz de Conta".

Atravessei a memória das recordações e, embora pareça contradição, suavemente de repente, o prazer de estar a dormir guarda-me num sóbrio salto misto de sentimentos, sensações, reflexões e sonhei o que era para ser sonhado.

Fazia de conta que ela era uma princesa iluminada pelo crepúsculo que vinha, fazia de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, fazia de conta que ela estava feliz de me abraçar e beijar, percorrendo o meu corpo e despertando os meus sentidos, fazia de conta que ela estava tão freguê por me saborear, estava com um sorriso radioso, mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade em um silêncio para que contrastasse com o faz de conta do verde cintilante de olhos que vêm, fazia de conta que ela amava e era amada, fazia de conta que não precisava de mover de sanidade, fazia de conta que estava deitada, me parecia transparente protector de mãe de Deus, fazia de conta

que ignorava a prepotência e má vontade dos policiais prisionais com um sorriso inocente, fazia de conta que não observava a má educação e falta de profissionalismo daqueles que respondem pela ordem e disciplina dentro do Estabelecimento Prisional, fazia de conta que vivia feliz e não definhava por viver aquele pesadelo de conviver com profissionais de furtiva que humilham e espezinham o ser humano ser semelhante e acto condenável, fazia de conta que tinha uma dieta alimentar racional quanto a aparência de um preito de saúde era coisa rara e mais que reparada, num estabelecimento prisional que primava por uma alimentação incompleta e desequilibrada, pobre em fibras, proteínas, vitaminas e sais minerais e com a agravante de vir embutida com géneros alimentares sem lote, validade e composição quantitativa e qualitativa (Veja-se a típica "Remédio Santo" e "Saúde Pública Comprometida"), fazia de conta que ele escovava o suficiente para desfazer os nós do marinheiro que me atavam os pulsos, fazia de conta que ocupava os tempos de ócio com actividades lúdicas e pedagógicas sem que a Entidade Prisional tivesse planeado um programa de re-integração social que motivasse maximizasse e optimizasse o potencial e talento de todos aqueles que manifestavam por escrito vontade de progredir (pretensões nunca respondidas pelo TTEC), fazia de conta que tinha um cesto de fêrolas só para olhar a cor de lua, fazia de conta que ele fechava os olhos e os seres amados surgiam ávidos do abraço paterno, fazia de conta que descontraindo o peito sufocado e a luz do verde mentalizava as má vontade dos detentores do poder que conquistavam neste atóxico a tranquilidade e a vingança de se redimirem das frustrações acumuladas, fazia de conta que os meus filhos estavam comigo felizes partilhando as suas angústias, sonhos e vitórias, fazia de conta que ela não estava a chorar, fazia de conta que concordava com o que discordava por ser imoral, injusto, desumano, com medo das duas ameaças de represálias anunciadas caso ousasse gritar a verdade sufocada, fazia de conta que aquilo que esgueira me concedia o calmo paciência e a luz de um momento de repouso interior para tudo suportar em silêncio, fazia de conta que tinha força e coragem suficientes para apagar a angústia temivelmente dolorosa, desesperada, sufocante, dilacerante e guardada, fazia de conta alucinadamente que fora liberto deste inferno de cárcere!

(Continuação)

Com imensa coragem, Deus me ajude e proteja no encontro do necessário trilho que me concedam a calma, a paciência, a tranquilidade de alcançar o estado de equilíbrio interior para resistir a tamanho marinho.

E a noite imensurável dos sonhos, recomeçar: como um acto de profunda fé admitir que a esperança do futuro desejado chegará sem perder a bússola.

14/08/2013